

FAKE NEWS, MEMES E O ENSINO DE HISTÓRIA.

Cicero Anderson de Almeida Bezerra¹

RESUMO: Nos anos 2000, a internet parece ter atingido o seu recorde com um número cada vez maior de usuários no Brasil e no mundo. O mundo inteiro está ao alcance de nossas mãos através de equipamentos eletrônicos que transmitem informações a todo instante. Refletir sobre as mudanças provocadas pela introdução dessa tecnologia no nosso cotidiano através de CERTEAU em sua obra a Invenção do Cotidiano é de grande relevância na atualidade. Tudo está a um clique de distância. Nos aparelhos de celular e smartphones, nos aplicativos e grupos aos quais pertencemos, de forma privada temos acesso uma infinidade de vídeos, notícias urgentes, conteúdos e comentários fazendo juízo de valor sobre os mais diversos assuntos em tempo real, inclusive com transmissões ao vivo. Mas, não podemos esquecer que quem divulga tem sempre uma intenção. Para atingir cada vez um público maior, a todo instante notícias são criadas, tragédias são anunciadas, escândalos são abafados, biografias são manipuladas e o jornalismo parece ter a pretensão de assumir as rédeas da história, transformando o jornalista no historiador e o fato histórico numa criação sua. A escola não pode ignorar o fato de crianças e jovens terem acesso diariamente a todo esse conteúdo que circula nas redes sociais e nos meios de comunicação em suas casas ou outros espaços através dos equipamentos transmissores e receptores de dados conectados à internet. Os conteúdos que circulam diariamente nas redes sociais impactam no dia-a-dia da sala de aula. Especialmente quando se trata do uso da liberdade de expressão para difundir discursos de ódio, bullying, o racismo, a homofobia, a xenofobia ou qualquer outro tipo de preconceito através de memes ou outros recursos virtuais. As aulas de história são um espaço bastante oportuno para promover o debate necessário sobre essas questões e tantas outras, considerando que se trata de uma disciplina escolar de caráter reflexivo, conectada com os acontecimentos não só do passado, mas também atuais, propiciando um ambiente de discussão no qual os sujeitos se reconheçam enquanto sujeitos participantes e protagonistas dos processos. Trata-se, portanto de utilizar o potencial dessas inovações de maneira eficiente e didática, a favor da educação e do ensino de história reflexão constante sobre o ato de aprender e a produção da informação e do conhecimento.

Palavras-Chaves: Fake News. Memes. Ensino de História.

INTRODUÇÃO

A comunicação sempre foi uma necessidade do ser humano desde os tempos mais remotos. Com o passar do tempo, trocar informações, registrar fatos, expressar ideias e emoções se tornaram fatores que contribuíram para a evolução das formas de se comunicar, aperfeiçoando assim a capacidade de se relacionar entre os indivíduos.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Ensino Profissional de História pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: candbez@hotmail.com

A medida que foram surgindo novos meios que oportunizaram atingir distâncias cada vez mais maiores num espaço de tempo cada vez menor, as possibilidades de se comunicar se multiplicaram, as formas já existentes se aprimoraram e a informação passou a ser propagada com muito mais rapidez e alcance.

A última década do século XX representa um momento em que a internet criada para fins militares na Guerra Fria, se expandiu no mundo se tornando acessível a uma grande parcela da população mundial. Depois da criação da televisão em 1950, a internet se tornaria a principal ferramenta tecnológica amplamente utilizada para se comunicar no século XXI.

Nos anos 2000, a internet parece ter atingido o seu recorde com um número cada vez maior de usuários. Mas foi a partir de 2005, que começou uma nova era na Internet no mundo, com o avanço das redes sociais. No Brasil, o Orkut foi a porta de acesso para muitos usuários e acabou ganhando a preferência dos brasileiros. Nos anos seguintes surgiram outras redes sociais como, por exemplo, Facebook, Twitter e o Instagram.

Temos vivido desde então uma avalanche de informações a cada segundo. O mundo inteiro está ao alcance de nossas mãos através de equipamentos eletrônicos que transmitem informações a todo instante. Tudo está a um clique de distância.

Vivemos, hoje, em sociedades em que a difusão de formas simbólicas através dos meios eletrônicos se tornou um modo de transmissão cultural comum e, sobre certos aspectos, fundamental. A cultura moderna é, de uma maneira cada vez maior, uma cultura ‘eletronicamente mediada’, em que os modos de transmissão orais e escritos foram suplementados – até certo ponto substituídos – por modos de transmissão baseados nos meios eletrônicos (THOMPSON, 1995, p. 297).

Nos aparelhos de celular e smartphones, nos aplicativos como o Whatsapp, o Facebook, nos grupos aos quais pertencemos ou de forma privada temos acesso uma infinidade de vídeos, notícias urgentes, conteúdos e comentários fazendo juízo de valor sobre os mais diversos assuntos em tempo real, inclusive com transmissões ao vivo.

Mas, não podemos esquecer que quem divulga tem sempre uma intenção. Há sempre um interesse por trás de um compartilhamento, de uma curtida ou comentário numa rede social ou de uma notícia divulgada numa determinada emissora. Nos meios de comunicação e nas redes sociais, não existe informação desinteressada.

Nesse sentido, concordamos com LETRIA (2000), quando afirma que: a notícia é “um fato verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica com o público, depois de recolhido, pesquisado e avaliado por quem controla o meio utilizado para a sua difusão” (p. 27).

Na corrida desenfreada pelo furo jornalístico, pela notícia em primeira mão, jornalistas

e pessoas comuns são capazes de qualquer coisa por uma imagem, um áudio, um vídeo ou algo comprometedor sobre alguém que possa lhe favorecer de alguma forma. É a lei da oferta e da procura. É o comércio da notícia onde se vende aquilo que se quer comprar como real. E se não é, pode ser produzida levianamente, de modo a satisfazer as exigências do mercado, que ousou chamar de “mercado de notícias.”

Há dois tipos de valor que são (...) importantes a esse respeito. Um tipo é o que pode ser chamado de "valor simbólico": O valor que as formas simbólicas possuem em virtude das maneiras como elas são apreciadas pelas pessoas que as produzem e as recebem, em virtude das maneiras como elas são apreciadas ou denunciadas, queridas ou desprezadas por esses indivíduos. Um segundo tipo de valor é o "valor econômico", que pode ser entendido como o valor que as formas simbólicas adquirem em virtude de serem trocadas num mercado. (THOMPSON, 1995, p. 23)

Muitas vezes nesse jogo de manipulação e alienação a qual as mídias sociais nos expõe, abrimos mão de valores morais e agimos de maneira antiética, irresponsável, desrespeitosa e até criminosa, distorcendo fatos e camuflando a verdade sobre os mesmos. A informação e a notícia deixam de ser o relato do ocorrido, para se tornar um produto com finalidade, valor econômico e fim mercadológico. Em meio a todo esse cenário, às vezes é difícil saber o que é verdadeiro ou não.

Para KUNCZIK, (2001) o indivíduo se depara diante de duas atitudes éticas; a ética de responsabilidade e ética de valores absolutos. Na ética de valores absolutos, o autor destaca que o indivíduo não assume a responsabilidade pelas próprias atitudes, mas frisa que “os valores absolutos nada tem a ver com a irresponsabilidade, assim como a ética da responsabilidade nada tem a ver com a falta de valores”.

As Fake News e os seus impactos no ensino de História

Para atingir cada vez um público maior, a todo instante notícias são criadas, tragédias são anunciadas, escândalos são abafados, biografias são manipuladas e o jornalismo parece ter a pretensão de assumir as rédeas da história, transformando o jornalista no historiador e o fato histórico numa criação sua.

Os meios de comunicação tradicionais ainda são os lugares que o indivíduo busca para saber de fato o que está acontecendo no mundo. Se o jornalista executar todo aprendizado e os procedimentos indicados por autores da área ele vai realizar um trabalho pautado na lealdade e na responsabilidade. Para proceder dessa forma, o profissional deve ser consciente, ético, duvidar de todas informações que chegam até ele e ser leal aquilo que está publicando ou investigando, sempre indo a fonte - aqui como origem do fato. (SCHUDSON, 2017, p. 14).

Concordamos com SCHUDSON (2017) quando afirma “O jornalismo produz um

primeiro rascunho da história, não a última palavra sobre o acontecimento”.

É muito comum nos dias atuais comentários sobre matérias de jornais da qual apenas uma manchete foi lida, sem verificar a informação e a sua fonte. Para não mencionar os vídeos que são compartilhados diariamente por pessoas do mundo inteiro sem muitas vezes sequer terem noção de sua origem ou conteúdo. O grande problema é o fato de não questionarmos a origem das informações.

A falsidade se tornou uma fonte de renda lucrativa. Existe a industrialização de notícia falsa, com o objetivo de fazer dinheiro com anúncios que são alocados por instrumentos regidos por algoritmos que premiam sites com mais visibilidade, acesso, compartilhamento. (SILVA, 2017, p. 37)

As notícias falsas provavelmente sempre existiram, no entanto, nunca se propagaram tanto e tão rapidamente como nos dias atuais. Há quem diga que o termo seja impreciso e vago para definir a essência desse fenômeno. Mas é consenso que ele não surgiu com as redes sociais. Não é necessário recorrer a mitologia para constatar que a propagação de notícias falsas é um costume tão antigo quanto a palavra escrita.

Na obra República, por exemplo, Platão já se referiu a disseminação das notícias falsas como “nobres falsidades” necessárias como cimento social para sua utopia de déspotas filósofos. Essa tem sido uma estratégia antiga para eliminar os adversários na política.

Com o objetivo de tumultuar as eleições papais, em 1522 papas já teriam sido vítimas de infâmias; na Inglaterra e França do século XVIII, caluniadores profissionais teriam espalhado notícias reais com elementos de ficções comprometedoras em panfletos estimulando desavenças pessoais e inimizades políticas², e nos dias atuais a lisura do processo democrático tem sido questionada mediante a interferência de redes sociais como o Facebook, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016.

A escola não pode ignorar o fato de crianças e jovens terem acesso diariamente a todo esse conteúdo que circula nas redes sociais e nos meios de comunicação em suas casas ou outros espaços através televisão, smartphones, tablets ou outro equipamento transmissor e receptor de dados conectados à internet.

A educação tem utilizado diversas possibilidades tecnológicas como alternativas modernas que facilitam o processo educativo através da inclusão de ferramentas digitais, facilitando e aperfeiçoando o uso das tecnologias pelos alunos e a realização de múltiplas

² A informação foi encontrada em diversos artigos de revistas online, sites e blogs sobre a história cultural das Fake News.

tarefas em todas as dimensões, além de capacitar professores e alunos por meio da criação de redes sociais e comunidades virtuais.

Os conteúdos que circulam diariamente nas redes sociais impactam no *dai-a-dia* da sala de aula. Especialmente quando se trata do uso da liberdade de expressão para difundir discursos de ódio, bullying, o desrespeito pelas lutas históricas dos povos indígenas, africanos e quilombolas, racismo, homofobia, xenofobia ou qualquer outro tipo de preconceito. Aquilo que é aprendido de ruim nas redes sociais acaba muitas vezes sendo vivenciado na prática dentro do ambiente escolar.

No que tange as Fake News, mesmo com todas as ferramentas de pesquisa disponíveis para se detectar informações suspeitas ou infundadas, as notícias falsas tendem a prosperar porque o usuário tem adotado uma postura passiva e acrítica diante dos fatos. O conformismo parece ter sido a marca da sociedade contemporânea e talvez por isso nos últimos tempos, tenha aumentado a quantidade de notícias falsas, as famosas Fake News.

As aulas de história parecem ser um espaço bastante oportuno para promover o debate necessário sobre essas questões e tantas outras, considerando que se trata de uma disciplina escolar de caráter reflexivo, que está conectada com os acontecimentos não só do passado, mas também do presente, propiciando um ambiente de discussão no qual os sujeitos se reconheçam enquanto sujeitos participantes e protagonistas dos processos. Em outras palavras,

A história ensinada serve para ajudar a criar identidades, mas serve principalmente para que as pessoas reconheçam-se como sujeitos, como parte também de um coletivo, conheçam suas possibilidades e limitações de ação na história. Desta forma, serve também para questionar identidades inventadas (...) (CERRI, 1999, p. 6)

Nem tudo que circula diariamente nas redes sociais pode ser aproveitado de maneira positiva, mas sempre se pode utilizar alguma coisa com um fim pedagógico na sala de aula e no ambiente escolar. Quando postamos na rede as fotos de um evento realizado na escola, por exemplo, estamos estimulando os jovens a frequentarem tais ambientes no intuito de compartilharem suas experiências no processo educativo.

Trata-se, portanto de utilizar o potencial dessas inovações de maneira eficiente e didática, a favor da educação e do ensino de história, buscando inserir novos recursos, visando mudanças de paradigmas, a reflexão constante sobre o ato de aprender e a produção da informação e do conhecimento.

As práticas de linguagem desenvolvidas até metade do século passado debruçavam-se

sobre uma cultura manuscrita. As formas de interação passaram por transformações significativas ao longo dos tempos. Comunicar-se no século XXI tornou-se cada vez mais dinâmico, rápido e objetivo. O uso de imagens se tornou a marca dos processos de comunicação na sociedade atual.

O processo de comunicação e interação virtual mediado por equipamentos eletrônicos é uma realidade cada vez mais presente no dia-a-dia dos cidadãos a nível planetário. Nesse sentido, é oportuno observar a importância que a imagem tem adquirido para a construção de outros gêneros comunicativos que se consolidam em meio ao que se convencionou chamar de pós-modernidade.

A imagem é um elemento delineador e significativo. Referências imagéticas se tornaram e se consolidaram com intensidade no século XXI, com o surgimento das redes sociais que ganharam espaço no meio virtual pela facilidade de comunicar e se compartilhar imagens em tempo real que poderiam circular permanentemente e ser acessadas a qualquer instante.

A imagem tem sido fortemente adulterada e utilizada com interesses diversos, seja para esconder rugas faciais, gorduras localizadas, dentre outras imperfeições estéticas em usuários comuns das redes sociais ou para projetar valores morais, éticos e de caráter, em candidatos a cargos eletivos, por exemplo.

A produção de imagens que circula na internet a todo instante nos dias atuais não pode ser comparado a nenhum outro momento histórico. O uso que se tem feito da imagem ao longo do tempo, seu manuseio de forma interessada e tendenciosa precisa ser constantemente observado e refletido de modo ativo e participativo.

Nas palavras de Certeau (1998):

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como código de promoção sócio-econômica por pregadores, educadores ou por vulgarizantes) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuário. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1998, p. 40)

Diante dessa problemática, podemos dizer que a imagem é uma representação e como tal pode ser produzida de maneira intencional, podendo ser fabricada, manipulada com fins e objetivos específicos. Temos um papel frente a essa realidade diagnosticada que é o de analisar criticamente essas imagens e questionar suas utilizações.

CERTEAU (1998) expressa a consideração de que “a análise das imagens difundidas

pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens”. (p. 39)

As imagens socializadas na internet, muitas vezes são compartilhadas sem que muitos critérios por quem as utiliza. Nem sempre se questiona a razão da existência daquela imagem ou a sua origem. As imagens são fabricadas com uma finalidade, que muitas vezes é reforçar preconceitos e representações distorcidas de eventos, pessoas ou informações que não condizem com a realidade.

Dai a importância de se refletir sobre o fenômeno dos memes. Pois a produção de novas linguagens e discursos nas mídias não se dá de maneira inconsciente e aleatória. Representa a necessidade de criação de novos modelos de comunicação de um dado momento histórico e isso acaba passando despercebido pelos usuários mais desatentos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, pode-se afirmar que:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. (PCNs, 1999, p. 22)

Mais que um suporte físico passivo para a transmissão de mensagens, a web é entendida aqui como um meio de comunicação, uma esfera na qual a comunicação e a geração de sentido são possíveis, na qual a cultura ciber torna-se possível através de signos e símbolos.

VIEIRA (2007) corroborando com a idéia acima ressalta que, “os avanços e as mudanças nas comunicações transglobais exercem poder transformador nos eventos de escrita, alcançando principalmente o texto” (p.9) Dessa esfera emerge o meme, que pode ser considerado uma forma de expressão e concepção de mundo que apresenta certa regularidade, por possuir “gramática”, dinâmica própria e seus jogos de significação.

1.2 - O uso dos memes nas aulas de História

O termo meme remonta a expressão utilizada em 1976 por Richard Dawkins, no livro “O Gene Egoísta”. A etimologia da palavra vem do grego “minema” que significa

“imitação/algo que é imitado”. No inglês, o vocábulo faz referência a gene e a memória. O gênero seria advindo dos Estados Unidos, nos finais dos anos de 2008, com a explosão de sítios eletrônicos de compartilhamento de vídeos e imagens e se espalhado por todo o planeta. Nas palavras de SOUZA (2014), memes são compreendidos como palavras, imagens, fotos, bordões, desenhos, ideias, fragmentos de idéias, sons, gírias, comportamentos, falas, costumes, enfim, é tudo aquilo que se multiplica a partir da cópia/imitação. (p.157)

O meme é um exemplo de novas formas de linguagem e discursos que se apresentam na atualidade nos espaços virtuais e que tem tido grande aceitação e utilização. Trata-se de uma manifestação cultural da internet que se estabeleceu na rede como uma forma de comunicação nas últimas décadas.

A memética se inspira na Teoria de Charles Darwin, autor de "Origem das Espécies" (1859) e define que existem três princípios básicos para a existência dos memes: variação, seleção e a hereditariedade. Considerando que os memes constituem-se como reproduções, para que estes sejam propagados e atinjam assim a sua função, necessitam de hospedeiros. É assim que temos nos comportado diante desse fenômeno. Temos deixado de produzir nossas próprias ideias para reproduzir criações anônimas.

Tal fenômeno baseia-se na recriação excessiva, coletiva, satírica e paródica de imagens, textos verbais, vídeos, entre outros, que se espalham de forma viral. É uma imagem fabricada e produzida com interesses e objetivos específicos. É, portanto, uma forma de linguagem com uma mensagem nem sempre explícita num primeiro contato, mas que tem exercido uma influência inimaginável no mundo real, utilizando-se do humor.

Os memes tem sido utilizado fortemente no Facebook, por se tratar de uma plataforma que facilita a sistematização e o acúmulo de fotos, depoimentos, comentários, recados para os amigos, comunidades que sintetizam gostos dos indivíduos, construindo-se em uma realidade imagética, multimodal, multissistêmica.

A psicóloga, conferencista e escritora britânica Susan Blackmor, se referiu a evolução cultural como sendo “uma criança que não deve ser deixada sozinha. Quando se percebe a criança é um pestinha fazendo confusão e é tarde para mudar.” Para ela, os memes seriam “uma nova forma de pensar sobre o que acontece no nosso planeta”.

O fato é que não podemos ignorar esse fenômeno. Os memes fazem parte do dia-a-dia de professores e alunos, pois estes sujeitos são usuários de redes sociais e consomem e produzem conteúdos que circulam nesses ambientes virtuais. É necessário refletir sobre essa forma de comunicação, investigando as suas intenções e questionando essa lógica cotidiana que se apresenta como tal.

O professor de história precisa assumir o seu papel social que é também o de historiador, pesquisador e cientista. Transformar suas aulas de história em oportunidades de reflexão constante sobre os discursos tem se apresentado como um desafio, frente o aumento significativo dos discursos fascistas, racistas, homofóbicos, sexistas, xenófobos e de todas as formas de intolerância que ganham força na mídia na atualidade.

Em muitos casos, os próprios professores ou alunos, viram memes que passam a ser compartilhados em grupos de WhatsApp no próprio universo escolar e fora dele. Geralmente essas iniciativas visam provocar o riso em quem aprecia, mas na prática essas atitudes acabam ridicularizando, humilhando e desrespeitando aqueles que são vítimas.

Pelo fato de incomodar, os memes não podem passar despercebidos. Sua reprodução causa desconforto. Precisamos questionar como temos nos comportado diante da reprodução desses valores que permeiam o universo dos memes.

Outro desafio que se coloca para os professores é o de conseguir inserir os alunos em um contexto de questionamento sobre informações prévias, recuperando os personagens históricos. É fundamental verificar o nível de linguagem, a construção da ironia e as diferenças existentes entre o sarcasmo e o humor expresso. Em virtude disso, os memes tem se apresentado como objetos de debate constante, que devem ser discutidos nas aulas de história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo sério, investigativo e imparcial cumpre um papel importante na sociedade contemporânea por checar as informações e servir de mediador entre o cidadão e os acontecimentos do cotidiano. Muitas vezes, na ânsia de sair na vanguarda, a preocupação com a velocidade em produzir um conteúdo mais ágil pode acabar com essa credibilidade.

A informação precisa sempre está baseada na ética e na responsabilidade. Seja no meio jornalístico ou acadêmico. Numa sociedade tecnológica, o educador assume um papel fundamental como mediador das aprendizagens a medida que traz para dentro da sala de aula o debate, tornando esse espaço propício para a reflexão e a mudança de paradigmas frente aos desafios impostos pela realidade.

Cabe ao professor analisar cuidadosamente os materiais encontrados e colocados a disposição dos seus alunos nas redes virtuais, compreendendo que os mesmos mecanismos que permitem a proliferação das notícias falsas podem ser desmascarados com idêntica rapidez.

É papel do professor/historiador analisar a fundo as informações que compartilha em suas redes sociais próprias e os conteúdos que compartilha seja através de seus espaços de interação virtuais ou na sala de aula, bem como utilizar aquilo que circula na internet com um objetivo pedagógico e não apenas como passatempo, promovendo o debate necessário acerca de determinadas posturas e posicionamentos.

Nos últimos anos temos visto aumentar as manifestações de todo tipo de preconceito e ódio das redes sociais. Em nome da liberdade de expressão, internautas, usuários e grupos intolerantes tem destilado veneno na rede e conquistado discípulos. A ignorância e a intolerância precisam ser combatidas.

Merece a nossa atenção constante a questão dos memes sempre utilizarem imagens de personagens de atores e atrizes de novelas, filmes e seriados contemporâneos, políticos e personagens históricos para repassarem valores. A simbologia que esses personagens reiteram é relevante, uma vez que se produzem falas, comportamentos, atitudes que se tornaram sistemáticas e que passaram a construir significados na sociedade num determinado momento histórico.

Em relação a isso, percebe-se que esses personagens integram o imaginário e ideário, permeado de ideologias, representando classes, demonstrando poder e hegemonia de determinados grupos em detrimento de outros.

A produção de memes deve promover uma reflexão sobre o uso da imagem, a construção linguística, o conhecimento prévio, entre outros aspectos que são relevantes ao conhecimento do aluno e sua consciência crítica sobre o uso das linguagens. O professor não pode deixar de reconhecer que os memes, disputam as memórias do que é de fato conhecimento histórico construído e sistematizado ao longo dos processos históricos.

Mas, se os memes interferem nas aulas, sobretudo nas de história, isso de algum modo pode ser utilizado a favor delas. Essa nova forma de se comunicar e transmitir informações, dependendo da abordagem que for dada pode render bons debates e aulas de história que assegurem na prática o cumprimento do seu caráter questionador.

A disciplina de história é campo fértil para uma ação relevante sobre discussões do presente e na formação de cidadãos autônomos, valorizando as marcas deixadas pelos homens e que permitem uma interpretação dos seus atos cotidianos que possibilitaram a construção da sociedade da sua época e os efeitos produzidos nas sociedades que os sucederam.

Refletir sobre as realidades vividas e as transformações, compreendendo o passado sem perder de vista as peculiaridades dos desafios atuais é uma tarefa atribuída aos professores de história. E esse exercício deve ser feito com a consciência de que não se deve

emitir juízo de valores. É necessário considerar as mentalidades próprias dos sujeitos envolvidos, dos períodos estudados e observá-los com lentes do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gabriel. **Cientistas buscam estratégias para lutar contra 'fake news'**. Folha de São Paulo, 12 de março de 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/03/1865611-cientistas-buscam-estrategias-para-lutar-contra-fake-news.shtml> > Acesso em: 21 abril. 2018

BLACKMORE, Susan. **Memes and “temes”**. 2008. [Vídeo]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yx-SCfY2iU4>. Acesso em: 01/05/2018

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º Ciclos**. Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERRI, Luis Fernando. **Os objetivos do ensino de História**. Londrina, v. 5, p. 137-146, Out. 1999.

LETRIA, Joaquim, **Pequeno Breviário Jornalístico**. Lisboa, Editorial Notícias, 2ª ed., 2000.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Morte e vida da imprensa**. Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review, São Paulo, p. 36-38, Jan./Jun. 2017

SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. **Memes (?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno de comunicação da cultura ciber**. Revista Temática, Ano X, Junho/2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/temática>. Acesso: 10/05/ 2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação social**. Petrópolis: Vozes, 1995

VIEIRA, Josênia Antunes; ROCHA, Harrison da; MAROUN, Cristiane & FERRAZ, Janaína de Aquino. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal**. Petrópolis: Vozes, 2007.